

A IGREJA DA MISERICÓRDIA DE PONTA DELGADA

considerações em torno de um monumento perdido

Isabel Soares de Albergaria*

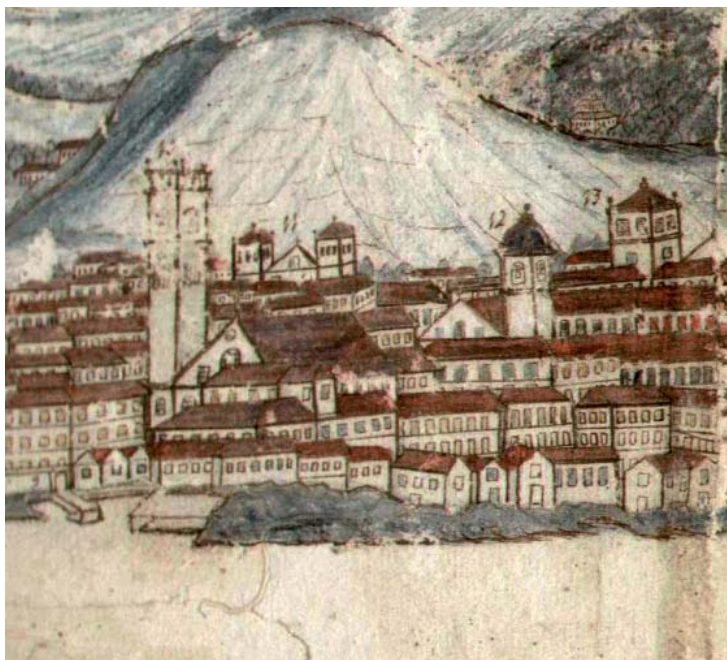


Fig. 1 - *Vista da Cidade de Ponta Delgada* (pormenor), c. 1783¹.

* Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores. Bolseira da FCT (ialbergaria@uac.pt).

¹ BPARPD, Cartografia. *Vista da Cidade de Ponta Delgada* (pormenor), Anónimo, c. 1783.

Resumo: A instituição das Misericórdias, criada por D. Leonor no final do século XV, constituiu um modelo assistencial de grande sucesso e rápida difusão pelo território nacional e ilhas Atlânticas. Na primeira década do século XVI foi fundado em Ponta Delgada o hospital da Misericórdia com a sua capela anexa de São João Baptista, a qual seria integrada no novo templo construído no último terço da mesma centúria e dedicado ao Espírito Santo. Todo o conjunto desapareceu na primeira metade do século XIX, quase sem deixar vestígios, após um longo processo de ruína. Com base na documentação do arquivo da Misericórdia consultada e coligida pelo investigador Rodrigo Rodrigues, bem como em outras fontes coevas, foi possível compreender a importância central da igreja da Misericórdia no panorama da arquitectura quinhentista, não apenas da cidade de Ponta Delgada, mas ao nível regional, e descortinar os processos de encomenda, autoria, e obra desse edifício, permitindo ainda reconstituir, com relativa segurança, o plano, alçados e elementos decorativos presentes no interior do templo.

Palavras-chave: Ponta Delgada; Misericórdia; Arquitectura quinhentista; Pedro de Maeda.

Abstract: The Misericordias Institution, founded by Queen Leonor in the late XV century, encountered great success and was rapidly instituted across the mainland and Atlantic islands. During the first decade of the XVI century, the Misericordia Hospital was established in Ponta Delgada, along with the chapel of São João Baptista. The latter was incorporated into the temple of the Holly Spirit, built in the last third of the XVI century. However, both the hospital and the chapel had disappeared without a trace by the XIX century, due to a long process of deterioration. By virtue of the documentation found in the Misericordia's archives, compiled by the researcher Rodrigo Rodrigues, it was possible to realize the great importance of the Misericordia Church in the realm of the 1500s Architecture, not only within the city of Ponta Delgada but also in the entire archipelago. The documentation also allowed for the understanding of the building itself, namely its commission, chief architect and construction process. Furthermore, it was possible to reconstitute the plans, elevations and the decorative elements of the interior.

Key-words: Ponta Delgada; Misericórdia; 1500s Architecture; Pedro de Maeda

Já tinha tido notícia da primitiva igreja da Misericórdia de Ponta Delgada e sabia que se localizaria a norte do largo da matriz, no local hoje ocupado pelo edifício-sede da Casa Bensaúde, mas nada mais podia acrescentar acerca desse edifício que parecia para sempre perdido na poeira dos tempos. Até que me veio parar às mãos um caderno de notas manuscritas com «Extractos dos Livros da Misericórdia de Ponta Delgada» deixadas pelo distinto investigador Rodrigo Rodrigues e conservado na biblioteca de um seu descendente². O valioso conteúdo do referido caderno – que se havia perdido na sequência de um empréstimo e só há pouco tempo novamente localizado – colocou-me imediatamente frente a um conjunto de informações significativas que me permitiam descortinar alguns dos traços essenciais do antigo templo da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada.

Não sendo à partida uma situação confortável para o historiador da arte falar de um objecto inexistente, obrigando-o a uma reconstituição virtual da peça que necessariamente ficará marcada pela dúvida e pela indefinição, a tarefa não se afigura impossível, nem tão-pouco inédita. Sobre as obras desaparecidas Vitor Serrão fala de «cripto historia de arte» explicando que se trata de um conceito operativo aplicado a uma longa pratica desenvolvida no seio da historiografia da arte que sempre intuiu, no decurso das suas investigações, a importância capital de algumas obras perdidas, no plano ideológico, iconológico, técnico-construtivo, e estético, não podendo por isso serem ignoradas das problemáticas e metodologias da disciplina³.

Justificada teoricamente a opção, tratava-se de confirmar o significado intrínseco da antiga igreja da Misericórdia de Ponta Delgada no âmbito da história da arquitectura açoriana. A avaliar pelos testemunhos deixados em épocas mais recuadas, o edifício destacava-se como um dos mais importantes templos das ilhas, uma obra ímpar no panorama regional. No final do século XVII Fr. Agostinho de Montalverne refere-se-lhe laconicamente dizendo que se tratava de uma «grandiosa igreja» sem adiantar mais pormenores descritivos. Outros cronistas quase contemporâneos são, porém,

² Devo a consulta desse documento ao Dr. Henrique de Aguiar Rodrigues cuja contínua amizade e apoio quero deixar aqui registada. A posterior consulta de alguns dos originais conservados no arquivo da Misericórdia, que se encontram em fase de inventariação e catalogação, só foi possível graças ao pronto auxílio da Doutora Rute Gregório. Não tendo podido consultar toda a documentação original as citações e referências contidas neste artigo seguem sempre a versão manuscrita de Rodrigo Rodrigues, a qual se encontra em fase de preparação para publicação.

³ Sobre o conceito de cripto-historia da arte veja-se SERRÃO (2001).

menos avaros no elogio e nos detalhes. É o caso de Chaves e Melo que afirma ser este «...hum magestoso templo, todo de abobeda e de tão singular planta, que é o mais vistoso de todos os das Ilhas»⁴, ou, como garante Pedro Borges do Canto e Medeiros, é uma magnífica casa sem rival entre os edifícios das misericórdias das demais ilhas dos Açores, só equiparável à sua congénere lisboeta⁵. Como explicar então o silêncio absoluto sobre este imóvel que pertenceu, segundo a opinião unânime dos cronistas, à mais rica de todas as Misericórdias açorianas?

O primeiro grande motivo para este precoce esquecimento decorre naturalmente do seu total desaparecimento no início da década de 50 do século XIX quando, na sequência de um longo processo de ruína, foi demolido por Salomão Bensaúde para em seu lugar ser construído o edifício sede daquela casa comercial⁶. O desaparecimento material enfraquece sobremaneira a memória patrimonial, como se sabe. Mas no caso da Misericórdia parece ter pesado um segundo motivo de oclusão devido, porventura, ao facto de pertencer a um dos períodos tradicionalmente mais esquecidos pelos estudiosos da arte portuguesa. Precisamente o que vai de meados do século XVI, já no fim do reinado de D. João III, às primeiras décadas do século XVII, abrangendo os períodos sebástico e filipino. O mesmo desinteresse relativo à arte desse período estendeu-se aos autores açorianos que dedicaram valiosos trabalhos ao património construído, como sejam Ernesto do Canto, no século XIX, ou Luís Bernardo Leite Ataíde, já no XX⁷. Eivados de uma matriz romântico-nacionalista

⁴ MELO, 1980: 209 .

⁵ «He a Regia, e magnifica Caza da Sta Misa desta Cidade, não Só a melhor de todas as Ilhas, mas exceto a da Casa de Lxa/ a que pode igualarce a melhor do Reyno» Pedro Borges do Canto e Medeiros, «Breve noticia das Ilhas» [1716], BPARPD, *Variedades Açorianas*.I:178v.

⁶ Com a extinção das ordens religiosas, em 1832, o edifício do convento franciscano foi entregue á Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada que depressa abandonou as suas antigas instalações na praça da Matriz. O longo processo de ruína que se lhe seguiu, passou pelo aforamento da igreja ao comerciante Francisco Pereira da Silva e acabaria com o arrasamento da igreja no início da década de 50. No edifício da Casa Bensaúde, hoje existente no local, não persistem quaisquer vestígios da preexistência.

⁷ No capítulo dedicado a «Arquitectura religiosa e civil» inserido na compilação da obra do etnógrafo Luís Bernardo Leite Ataíde, intitulada *Etnografia Arte e Vida Antiga nos Açores*, o autor identifica a Matriz de São Sebastião, e o castelo de São Brás como as obras mais significativas do século XVI micaelense, apresentando em complemento os vários exemplares em que está patente o estilo manuelino. Sobre a igreja da Misericórdia uma brevíssima referência retirada de Frutuoso. ATAÍDE (1974):.239-250, passim.

que valorizava sobremaneira os objectos pertencentes ao ciclo gótico-manuelino tenderam a estende-lo para além de uma cronologia aceitável ou simplesmente a ignorar as transformações de forma e de sentido que entretanto se havia operado no seio da arquitectura⁸. Não cabe aqui fazer o ponto de situação da historiografia de arte nacional e insular que, entretanto, como sabemos, evoluiu imensamente na abordagem destas temáticas contando hoje com estudos de referência para o período e questões em apreço. No que toca ao espaço insular não podemos esquecer a este propósito, a atenção que tem sido dada à sé catedral de Angra do Heroísmo⁹ ou às campanhas de fortificação quinhentista, onde se incluem os mais importantes exemplares locais da história da arquitectura militar, como é o caso do forte de São Brás, em Ponta Delgada, ou do castelo de São João Baptista, em Angra¹⁰. Ao conjunto de obras valiosas que as últimas décadas do século XVI deram ao panorama da arte insular atrever-me-ia a acrescentar a igreja da Misericórdia de Ponta Delgada.

A abordagem do tema divide-se em: 1. estudo histórico do monumento que, por sua vez, será subdividido em três pontos: «antecedentes», «encomenda e autoria», e «cronologia da obra»; 2. reconstituição do edifício, procurando separar os aspectos da «implantação, organização e planta» da «composição dos alçados» e da «morfologia do espaço interior»; 3. conclusão, em que procurarei fazer uma breve avaliação do significado cultural e artístico deste monumento no âmbito da história da arquitectura local.

⁸ É de justiça mencionar que Luís Bernardo Leite Ataíde, a propósito da pequena ermida de São Brás, erguida em Ponta Delgada por volta do ano de 1584, observa a ausência total do «estilo manuelino» admitindo a «interferência de um novo estilo» a partir do terceiro quartel do século XVI que classifica de «jesuíta». As igrejas deste novo estilo, dirá ainda, adquirem no espaço insular uma «profusão de ornatos» que as distingue das do mesmo estilo no continente, o que atesta a confusão que estabelece com o barroco. ATAÍDE (1974), II:249.

⁹ Sobre a Sé de Angra consultar CORREIA (1986 a): 93-135 ; DIAS (1999): 252-; ver ainda um estudo monográfico sobre a Sé de Angra que lança novas perspectivas sobre autoria e avaliação do projecto: LARANJEIRA (2008).

¹⁰ Para a história da arquitectura militar veja-se SOUSA (2002): 53-224. (2002): 53-224; CARITA (1999): 67-88 e CARITA, (1989): 188-206, passim.

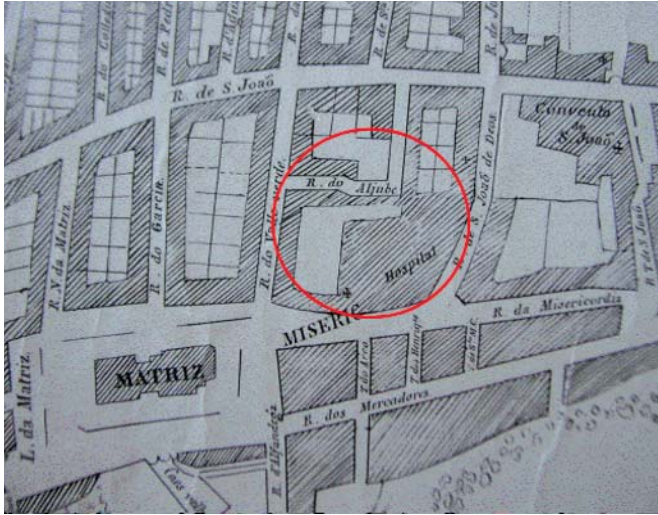


Fig. 1 - Sinalização da antiga Misericórdia da cidade sobre planta de 1831¹¹.

História do monumento

Antecedentes

A instituição da Irmandade ou Confraria da Misericórdia foi fundada em Lisboa no dia 15 de Agosto de 1498 por D. Leonor, mulher de D. João II e irmã do monarca D. Manuel. Rapidamente o modelo assistencial da Santa Casa da Misericórdia, criado com o apoio de Frei Miguel de Contreiras, confessor da rainha viúva, expande-se por todo o país e recebe a aprovação do rei que, em 1504, decreta o «Regimento das Capelas e Hospitais».

Depressa chegam também aos Açores tendo sido concedidos, durante o reinado de D. Manuel, amplos privilégios às recém criadas misericórdias¹². A cronologia avançada por alguns historiadores locais para a fundação das Misericórdias, tem sido, porém, confundida com as preexistentes confrarias do Espírito Santo que por todo o país dirigiam

¹¹ BPARPD, Cartografia, *Planta da cidade de Ponta Delgada* (pormenor), tirada e desenhada por António Ferreira Garcia de Andrade, Set. de 1831. Com sinalização da antiga Misericórdia da cidade.

¹² Em 1508 foram concedidos privilégios e prerrogativas aos irmãos da Santa Casa da Misericórdia de Angra e em 1513 os mesmos privilégios estendem-se aos de Ponta Delgada.

hospitais para pobres desde a época medieval¹³. Assim, nos Açores, quase todas as igrejas da Misericórdia vieram a receber a invocação do Espírito Santo ou instalaram-se em antigas capelas e hospitais com essa invocação.

Segundo Agostinho de Montalverne, «Afonso Anes, cavaleiro da ordem de S. Lazaro, vindo do Reino casado com Catarina Anes, da casa dos Infantes (...), deu o sitio para o hospital, fazendo na sua igreja a capela de São João Baptista com seu corocheo»¹⁴, onde fez sepultara. Diz ainda que os mesmos fundadores deixaram avultados rendimentos à instituição, por testamento datado de 1540. Sobre os mesmos fundadores falamos também Chaves e Mello (1723) dizendo que eram bisavós da venerável Margarida de Chaves (1530-1575), sem avançar datas para a construção do primitivo hospital e igreja. O certo é que o alvará régio de D. Manuel, datado de 1513, concede à Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada os mesmos privilégios de que gozavam os irmãos de Lisboa, pressupondo a sua existência e pleno funcionamento¹⁵. Se tomarmos em consideração o testamento de Pedro Afonso e sua mulher Beatriz Rodrigues, datado de 6 de Agosto de 1504, pelo qual destinavam a entrega de bens de sua fazenda, «sendo caso de nesta vila se fizesse hum hospital», podemos situar a data da fundação entre 1504 e 1513¹⁶.

A localização e dimensão exactas destas primitivas instalações, colocam-nos alguns problemas de difícil esclarecimento. Com assento no largo a norte da matriz de São Sebastião, ocupando parte do quarteirão compreendido entre as ruas Manuel Inácio Correia (antiga rua do Valverde), a poente, e a rua do Aljube, a nascente, o hospital e igreja de São João Baptista foram progressivamente garantindo a posse das áreas livres em volta, como comprova o acto de demarcação e privilégio do adro da igreja e hospital da misericórdia, pedido pela Mesa no ano de 1527 e assistido

¹³ É o que acontece por exemplo com o estudo que Teresa Bettencourt da Câmara dedica à Igreja da Misericórdia de Angra do Heroísmo datando a fundação da Santa Casa de 1493, data em que ainda não existia a primeira Misericórdia, criada em Lisboa. Cf. Câmara: 216. No que se refere às confrarias do Espírito Santo ou Santo Espírito e os respectivos hospitais, nos Açores, sabemos datarem de 1483 o de Vila Franca do Campo, de 1492 o de Angra do Heroísmo e sem data conhecida, mas de existência antiga, o da Ribeira Grande, Vila do Porto e vila da Praia.

¹⁴ MONTALVERNE, 1960: 221.

¹⁵ RODRIGUES (1998): 325.

¹⁶ Esta datação para a fundação do hospital e igreja da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada tem sido apontada pelos vários autores que têm afluído o assunto. Veja-se por todos RODRIGUES (1998): 326 e AFONSO (2006): 99-100.

pelo capelão d'el rei e pelo abade Moreira, ouvidor geral das ilhas e Juiz dos Resíduos, em representação do bispo do Funchal. Por esse acto de posse ficava determinado que «nenhuma justiça secular entendesse nele» sendo as confrontações as seguintes: sul rua publica, levante com rua publica e casas que foram de Afonso Nunes; da banda do norte com rua pública do concelho e da banda do ponente «com rua publica do concelho e serrado que foi de Luiz Vaz que deus tem, segundo está cerrado de paredes».

Ora, se a sul não restam duvidas, as outras três confrontações têm que ser articuladas com outras informações documentais e iconográficas. Seguindo a ordem indicada, a rua que ficaria a nascente corresponderia à Rua do Aljube mas não exactamente com aquele traçado, uma vez que terminava em beco (onde depois se formou o pátio da sacristia da igreja nova) como de resto nos é mostrado na planta de António Ferreira Garcia, de 1831¹⁷. A norte estou em crer que a rua publica referida é a travessa do Aljube, cortada por uma outra perpendicular, que delimitaria o hospital a poente, e que alguns documentos aludem como «travessa». De facto parece não estar totalmente rasgada de norte a sul uma vez que a Misericórdia confina desse lado com a rua e o serrado de Luís Vaz.

Assim, na sua dinâmica de crescimento a Misericórdia apoderar-se-á deste serrado transformando-o em logradouro da nova igreja, como mais adiante veremos, e estendendo-se para nascente acabará por anular a presença de uma antiga rua de traçado indeterminado, referida nalguns documentos por rua que vem de senhora da Ajuda¹⁸. Chegados ao século XIX, a frontaria da igreja e edifícios da Misericórdia ocupavam toda a frente do largo homónimo até ao começo da Rua São João de Deus (actual rua António José Nunes da Silva) e quase alcançavam, do lado oposto, a esquina da Rua do Valverde.

E quanto á igreja? Novas conjecturas acerca do primitivo espaço de culto levam-me a pensar que estaria implantado em corpo paralelo à rua da Misericórdia, com a capela-mor voltada a nascente segundo o preceito, uma torre campanário e um corpo muito curto devido ao estrangulamento imposto pelas ruas atrás mencionadas.¹⁹ Os cronistas são unânimes em afirmar que era de limitadas dimensões e Gaspar Frutuoso comparan-

¹⁷ De referir que após a demolição dos edifícios da Misericórdia e sua transferência para o antigo convento dos Franciscanos, a Rua do Aljube foi aberta para a praça da Matriz, apresentando embora no seu troço final vestígios da configuração do pátio da Misericórdia que ali existiu.

¹⁸ MELO, 1994: 223

¹⁹ Chaves e Melo diz que a primitiva igreja era tão pequena que não passava do portão por onde hoje se entra para o pátio da sacristia, e hospital, aonde acabava a rua, que vinha

do-a à de Angra diz não ser a misericórdia «tão rica de edifícios mortos mas riquíssima de corações vivos e acesos». O certo é que tendo-se tornado insuficiente para as pretensões da Santa Casa e «para ser mais nobre agora se vai edificando uma sumptuosa e custosa igreja da advocação do Sprito Santo»²⁰. Não esqueçamos que nesses anos finiseculares a Misericórdia de Ponta Delgada era não só composta por homens ricos e poderosos como recebia no seu seio a influencia dos mais destacados membros da igreja, o próprio Dr. Gaspar Frutuoso, irmão da Santa Casa, e os padres da Companhia de Jesus que antes da edificação do colégio novo, residiram por vários anos nas instalações da Misericórdia.

Encomenda e autoria

Sobre a edificação da nova igreja diz-nos Chaves e Mello que «Barão Jácome, sendo Provedor desta Santa Casa querendo fazer o novo e majestoso Templo, que hoje existe, fez troca por outras casas das em que nasceu a venerável Margarida de Chaves em cujo sitio se principiou a igreja no ano de 1569»²¹.

Se havia ou não intenção por parte do provedor Barão Jácome de construir um novo templo, o certo é que a data indicada por Chaves e Melo para o início da obra não está conforme a documentação existente no arquivo da Misericórdia. De facto, em 1571 ainda se falava da «igreja nova que está ordenado fazer-se» num contrato de venda de umas casas sobradadas que Manuel Pires, sombreireiro, e sua mulher Clara Gonçalves haviam feito à Santa Casa e que se destinavam, precisamente, ao chão da nova igreja²².

O único testemunho coevo que nos fala do assunto é o do Dr. Gaspar Frutuoso quando, a propósito dos feitos e acções beneméritos do capitão Rui Gonçalves da Câmara, afirma que no biénio de 1577-78 em que foi eleito provedor da Santa Casa «fez crescer os edifícios dela». E

de nossa senhora da Ajuda» MELO, 1994: 209. Montalverne, mais impreciso e confuso, diz que «sendo a sua capela, a capela de São João, o corpo da igreja chegava somente ao portão, porque nela acabava a rua que vem de Nossa Senhora da Ajuda, pela sacristia que hoje tem a santa casa». MONTALVERNE, 1960: 223.

²⁰ FRUTUOSO: 176

²¹ MELO, 1994: 209

²² Livro do Tombo Antigo (contrato de venda datado de 27-5-1571). AP, RODRIGUES, «Extractos dos Livros da Misericórdia de Ponta Delgada»: 37v.

acrescenta que «com o grande juízo que em tudo tem, particularmente no edificar e construir, mandou emendar a capela da Sumptuosa igreja que se vai fazendo, parecendo bem a Pêro de Maeda, mestre das obras de El Rei nesta ilha, tudo o que ele disse»²³.

Temos, portanto, que já no decorrer da obra Gonçalves da Câmara interfere no plano da capela-mor. Frutuoso diz-nos também que essa alteração foi aprovada por Pêro de Maeda, mestre das obras régias.

Antes de avançar na cronologia das obras da igreja nova convém averiguar algo mais sobre estes personagens para assim esclarecer questões de encomenda e autoria, essenciais para a avaliação da importância assumida pela nova igreja da Misericórdia.

D. Rui, filho do capitão donatário Manuel da Câmara, antes mesmo de tomar posse da capitania – o que ocorreria em 1578 com a morte do pai – encontrava-se na ilha desde 1576 «a mando de sua Magestade» a fim de acompanhar as obras da fortaleza de São Braz e dirimir, através da sua acção diplomática, os conflitos entretanto abertos com os religiosos de São Francisco e freiras da Esperança que frontalmente contestavam as pretensões dos militares relativamente a toda a área do campo de São Francisco. Recorde-se que a questão da fortificação era nesse tempo conturbado do reinado de D. Sebastião uma questão prioritária, na qual a coroa empregava os maiores esforços e dispêndio de capitais. Nesse contexto o regente cardeal D. Henrique enviara às ilhas, nove anos antes, uma comissão especializada de técnicos altamente conceituados – que os documentos se referem simplesmente como «os italyanos» – chefiada por Tomaso Benedetti (ou Tomas Benedito, de Pesaro) a quem competia estabelecer o plano geral de defesa da ilha e desenhar as respectivas fortalezas. Para os acompanhar e guiar nessa empresa encontrava-se o capitão D. Manuel da Câmara, assistido já então por este seu filho D. Rui.

Educado na corte ao lado do infante D. João (o malogrado filho de D. João III que não chegaria a reinar), discípulo do Dr. Jerónimo Cardozo de Lamego²⁴ e rodeado pelo brilhante escol de artistas e intelectuais que pontificavam durante a primeira metade do reinado de D. João III – entre os quais se destacam Francisco de Holanda, André de

²³ FRUTUOSO: 381

²⁴ Jerónimo Cardozo (? -1569), natural de Lamego, foi bacharel em Cânones, latinista e poeta de mérito, professor de Humanidades na Universidade de Lisboa e autor de várias obras, entre as quais se destaca o *Dictionarium Latino-Lusitanicum et vice versa Lusitanico-Latinum*, primeiro dicionário português publicado em Coimbra em 1569, com 7 reedições até 1694.

Resendes, Bernardim Ribeiro ou Sá de Miranda – este nobre micalense é descrito pelo cronista açoriano como um homem culto e de elevado gosto, «extremado escrivão e aritmético», de modos refinados e hábitos faustosos, senão mesmo excêntricos, avultando entre os valorosos feitos que empreendeu a campanha que preparou ao serviço d’el Rei D. Sebastião para a primeira das suas temerárias campanhas norte africanas, em 1574. «Da pessoa d’el-Rei abaixo» – garante o cronista – «não houve quem com mais custo e estado se fizesse prestes que o dito D. Rui Gonçalves»²⁵. Para além da atenção que dispensou às obras da Misericórdia, que generosamente financia²⁶, e da dedicada vigilância

²⁵ Todas as referências do cronista deixam transparecer, o brilho, o fausto e os hábitos perdulários do nobre português, destacando-se entre os demais, os preparativos para a campanha de África. Duas das oito mil cartas enviadas de Sagres por D. Sebastião, convocando para Tânger as armas dos fidalgos, foram endereçadas, uma, a D. Manuel da Câmara e outra, a seu filho que, procurando corresponder ao apelo do rei, logo prepararam, solícitos, a sua mesnada com uma riqueza e esplendor nunca vistos. Diz-nos a esse respeito Gaspar Frutuoso: «Mas da pessoa del-Rei abaixo, não houve quem com mais custo e estado se fizesse prestes que o dito D. Rui Gonçalves, porque, além de levar vinte e sete homens de cavalo, todos de esporas e estribos prateados, com suas luvas de ouro e adargas e corseletes levava mais seis cavalos para sua pessoa, que por todos eram trinta e três, e todos de muito preço. A cada dois homens de cavalo deu o Capitão Manuel da Câmara um homem, para lhe ter cargo dos cavalos e para os servir (...). Levava três tendas, uma dos cavalos, outra da gente, outra para ele, afora outras que D. Rui Gonçalves da Câmara mandou fazer nesta ilha, e afora quatro casas de madeira lavrada, levadiça, que ia metida em caixões, que se armavam cada vez que era necessário, e um catre de sanguinho, e para isto doze homens reposteiros que não serviam de mais que para armarem e desarmarem as casas todas, a que pagava cada mês seu salário. Levava muita gente de pé e grandes vitualhas de mantimentos de toda a sorte (...) e grandes créditos passados a Castela, para lhe virem de lá contínuo (sic) todas as coisas necessárias, assim de mantimentos como de dinheiro, e infinda prata que seu pai lhe mandou fazer para serviço das mesas e copas (...), para o qual levava três cozinheiros, dois negros e um branco, da cozinha da Rainha, que ela lhe mandou dar, os quais levavam fornalhas para cozerem pastéis e pão fresco (...). Levava suas charamelas, vestidos de verde, com seus chapéus de tafetá preto e suas cadeias de prata ao pescoço, com figura do Anjo S. Miguel ao pé da cadeia, por divisa (...) Toda a sua gente ia vestida de verde com suas espadas de cavalgar prateadas. No de sua pessoa não trato, porque entre outras cousas muitas de vestidos e arreios de cavalos, levava um arreio de ouro, todo acabado, feito na Índia, para o Viso-Rei Martim Afonso de Sousa (...)» Porém, a mesnada do donatário de S. Miguel não chegou a sair de Lisboa. Na véspera de partir o filho para África, D. Manuel da Câmara recebeu uma carta de D. Sebastião, dizendo-lhe que esperasse por nova ordem que jamais chegou. FRUTUOSO: 379-380.

²⁶ Uma das doações que faz à Misericórdia ocorre por altura da morte do pai, em 1578, oferecendo então 30 cruzados. IDEM: 381.

sobre as actividades de fortificação, D. Rui Gonçalves da Câmara poderá ainda ter iniciado a construção do grande Paço quinhentista que passaria a ser residência oficial dos condes quando estanciavam em São Miguel até ao fim das capitánias, em 1766. No reino «ora pousa nas suas ricas casas, que tem na freguesia das Martes (sic) [Mártires] em Lisboa, ora em Frielas, em uma sua quinta mui rica, em uns paços que nela tem, que antigamente foram d'el Rei D. Dinis», sem esquecer uma outra quinta na Pampulha (junto Av. Infante Santo) «quando vem de Lisboa para Belém» onde mandou edificar umas «sumptuosas moradas»²⁷.

Temos pois o retrato de um Príncipe da Renascença, amante das artes e das letras, que encara a arquitectura como manifestação tangível do seu alto estatuto mas também como um assunto de estado, um contributo válido para a dignificação da cidade, atribuindo ao conceito de «edificar» o duplo sentido da construção e de induzir à virtude e ao aperfeiçoamento moral. A este mecenas de gosto aulico impõem-se agora as obrigações de um novo fervor religioso que ele demonstra através de obras pias.

A segunda figura referida por Frutuoso a propósito da Misericórdia é o mestre das obras régias, Pêro de Maeda. Desconhecido quase em absoluto da história de arte, este engenheiro arquitecto, natural da Cantábria do lugar de Meruelo, poderá ocupar um lugar de relevo no panorama da arquitectura quinhentista micaelense, sendo porventura responsável pela renovação do figurino gótico-manuelino que vigorava até então. Rafael Moreira não tem dúvidas em afirmar que Maeda foi o fortificador dos Açores e lembra que pela mesma época se dá início à construção da Sé de Angra, levantando mesmo a hipótese do plano ortogonal da cidade poder dever-se a essa campanha dos italianos²⁸.

Não trataremos aqui da questão do plano urbanístico da cidade de Angra – assunto, de resto, bastante estudado pela historiografia nacional ligada aos temas do urbanismo – mas parece-me, contudo, abusiva a atribuição da função de fortificador geral dos Açores a Pêro de Maeda (um cargo equivalente ao que na Madeira era desempenhado por Mateus Fernandes), uma vez que nem os documentos se lho referem explicita-

²⁷ IDEM: 383

²⁸ Afirmações proferidas no decurso de uma conferencia que teve lugar em Angra do Heroísmo em Outubro de 2002, no âmbito XIV Semana de Estudos «Arquitectura Militar: do Conhecimento Histórico à sua Função Actual», cujo título é «O Enquadramento Geo-estratégico da Arquitectura Militar no Atlântico Norte no Início da Idade Moderna».

mente nem, por outro lado, Angra deixava de ter um arquitecto «mestre das obras régias», à semelhança de Maeda, representado por Luís Gonçalves Cotta (no cargo desde 1562 até 1608).²⁹

Acredito que Maeda veio para São Miguel como sucessor e substituto de Manuel Machado, no cargo de mestre das obras de sua majestade e das obras de fortificação do porto de Ponta Delgada, em data incerta, mas seguramente antes de 1567. Quanto a Manuel Machado a quem, erradamente, já foi atribuída a obra do forte de São Brás, sabe-se pouco mais³⁰. É sabido que em 1553, se encontrava em Lisboa afim de mostrar ao rei os planos que havia traçado para a obra do porto – que devemos entender como o molhe e o seu dispositivo defensivo. É ainda referido uma última vez, em 1557, quando o rei, por alvará de 30 de Outubro, recomenda ao ouvidor da ilha de São Miguel que acate os privilégios concedidos a mestre Manuel Machado, escudeiro da casa real, relativos a pedra de cal, corte de madeiras e pastagem dos bois empregues na construção do porto de São Braz e fortaleza³¹.

Foi este homem que Pêro de Maeda veio substituir, encarregue das funções de «mestre da obra da fortaleza que ora faz por meu mandado na cidade de Ponta Delgada» quando o Cardeal D. Henrique redige o Alvará de 1567 informando o conde D. Manuel da Câmara que irá mandar à ilha a equipe do engenheiro Tomaso Benedetti com a missão de «fazer fortificação nos lugares da ilha que delas carecessem». Pelo mesmo documento, adverte ainda o capitão de que Pero Maeda acompanhasse o italiano nas suas incursões pela ilha afim de «tomar as distan-

²⁹ No já citado trabalho de Mateus Laranjeira, a figura de Luís Gonçalves Cotta é tratada em detalhe, apontando-se para as datas indicadas, com base na documentação dispensada por Sousa Viterbo e conjugada com outros dados documentais recolhidos pelo autor. LARANJEIRA:71-3.

³⁰ Manuel Machado, filho de Afonso Machado e casado com Leonor Ferreira, era natural de São Miguel e foi mestre das obras reais em São Miguel e escudeiro da Casa Real. A primeira notícia que temos dele data de 1545 quando Pedro Rodrigues da Câmara e sua Mulher, Maria de Bettencourt, contratam com ele a construção de «uma capela de abobada com seu coruchéu alto e porta para o convento de Jesus da Ribeira Grande. Em 1551 já era tido como «mestre da obra do porto da Ponta de São Braz em Ponta Delgada» e dois anos depois estava em Lisboa para mostrar ao rei a traça da fortificação do referido porto. Depois de 1557 quando D. João III ainda envia um alvará ao ouvidor da ilha mandando que acate os privilégios concedidos a Manuel Machado, perde-se-lhe o rasto. FRUTUOSO: 190; VITERBO (1904):11-113; RODRIGUES (2008), II:1443, nota 2.

³¹ VITERBO (1904: 111; RODRIGUES (2008), II:1443, nota 2.

cias e balysas das obras que se houverem de fazer»³². Temos pois por certo que Pêro de Maeda desempenhava já nessa data, o cargo de mestre das obras reais em toda a ilha de São Miguel e não, como parece inferir Nestor de Sousa, que Maeda tenha seguido para a ilha nesse mesmo ano, ao lado de Tomaso Benedetti³³.

Segundo tudo leva a crer a formação de Pêro de Maeda terá sido feita em Portugal, porventura ao lado do seu conterrâneo João de Castilho (tal como alguns anos antes, mestre Lupedo, da igreja matriz), primeiro em Lisboa, depois em Tomar, e mais tarde nas praças marroquinas ensaiando os primeiros passos na arquitectura militar em Arzila e Mazagão³⁴. Não há qualquer rasto dele em Espanha e sabe-se que para um jovem aprendiz de arquitecto o percurso por terras lusas constituía um expediente muito apetecível e promissor.³⁵ Terá sido essa a via escolhida pelo biscainho? Quando Castilho morre em 1552 Maeda estaria eventualmente preparado para assumir o cargo de fortificador que veio a assumir nos Açores. Mas só depois da morte de Manuel Machado ou já ao lado deste quando foi a Lisboa em 53? Não sabemos.

Certo é que Maeda permanece em São Miguel mais de 14 anos, a ponto de ter aqui casado uma filha, Maria Sens, com Sebastião da Costa Arruda, um membro da gente principal da cidade, filho de Francisco Arruda da Costa que foi provedor da Misericórdia³⁶.

Apesar das lacunas e das incógnitas levantadas quanto às obras que terá deixado na sua passagem pela ilha, esse período constitui a parte melhor conhecida da sua carreira e porventura a mais importante³⁷. A sua

³² SOUSA (2002): 138-9, doc. IV.

³³ IDEM: 60

³⁴ O percurso normal de um aprendiz de arquitectura passava pelo acompanhamento dos mestres nas grandes obras. Para Pêro de Maeda, natural da Cantábria, tal como João de Castilho, seria mais do que evidente o acompanhamento do mestre pelos estaleiros portugueses, tanto mais que sabemos que em 1542 Castilho desloca-se a Mazagão acompanhado de 1500 pedreiros que trabalham na obra da fortaleza.

³⁵ A investigadora Maria Ealo de Sa numa obra dedicada a Pêro de Maeda que poucas informações disponibiliza faz, no entanto, menção de uma lista por ela publicada em 1992 onde identifica os oficiais que trabalharam com João de Castilho nos Jerónimos e entre eles inclui o nome de Pêro de Maeda. SA (1955): 20.

³⁶ FRUTUOSO: 29; RODRIGUES (1998): 366. Nota 90.

³⁷ Diligências feitas junto do município de Meruelo (Cantábria), responsável pela publicação de uma noticianotícia sobre Pedro de Maeda, não se revelaram mais esclarecedoras, pois a referida notícia apenas dispensa informações sobre a sua passagem pelos Açores. Ver nota 32, supra.

acção está intimamente ligada à condução das obras do forte mas também, sabemos-lo agora, a outras tão importantes como a nova igreja da Misericórdia de que é o incontestado autor ou a outras ainda à espera de uma correcta atribuição. Uma delas, atrevo-me a sugerir, é a capela de Nossa Senhora da Glória no interior da igreja matriz de Ponta Delgada, encomenda do capitão Gaspar do Rego Baldaia³⁸, depois de 1572, e uma obra de absoluta novidade no panorama arquitectónico local denotando a evolução para um figurino plenamente renascentista.

Pêro de Maeda abandona a ilha em 1580, altura em que a fortaleza de São Brás é considerada «de modo defensável». De facto, quando a Mesa da Misericórdia, no ano seguinte, estabelece contrato com André Martins, o avaliador da obra já não é Maeda mas Fernão Moniz, descrito como «mestre das obras de sua Magestade», o que significa que ocupara o lugar deixado vago por aquele. Não terá sequer aquecido o lugar, ou então a sua competência estaria muito aquém da do seu antecessor pois quando o corregedor Cristóvão Soares de Albergaria escreve ao vice-rei de Portugal, o cardeal arquiduque Alberto de Áustria, acerca do estado da fortaleza de São Brás, pede para que a obra seja assistida pelo mestre das obras da ilha Terceira, Luís Gonçalves Cotta, uma vez que não há «na terra engenheiro nem pessoa que o entenda»³⁹.

De reconhecida competência, o engenheiro-arquitecto Pêro de Maeda foi na ilha de São Miguel mestre das obras reais desde o desaparecimento de Manuel Machado e o responsável pelas principais obras de arquitectura executadas, então, na cidade de Ponta Delgada. Entre elas avulta a nova igreja da misericórdia.

Cronologia das obras

Como vimos o início da construção da igreja nova não tem lugar muito antes de 1577, altura em que o Rui Gonçalves da Câmara altera o plano da capela-mor, a primeira parte da igreja a ser edificada segundo o

³⁸ Gaspar do Rego Baldaia era natural do Porto e residente em São Miguel, capitão, cavaleiro da ordem de Cristo, fidalgo da casa real com carta de brasão d'armas passada por el rei D. João III a 6-4-1529. Por testamento de 9-3-1572 ordena a construção da supra mencionada capela especificando que «será de abobada com um arco de mui boa obra e toda de pedra da Ribeira Grande chapeada de pedra de Villa Franca» Cf. Livro de Tombo Antigo da Misericórdia de Ponta Delgada, AP, RODRIGUES, «Extractos ...»:38

³⁹ AA, IX:170.

preceito usual na época. De resto, a documentação que nos chegou conforma-se com estes dados e permite-nos uma razoável cronologia das obras⁴⁰.

Precisamente no ano de 1579 a Mesa da Misericórdia firma o primeiro contrato com André Martins, empreiteiro, «mestre d'obras da igreja nova» para a construção da capela-mor. Os vários problemas que viriam a surgir no decorrer dos trabalhos são-nos revelados pelos diversos contratos que a direcção da Santa Casa vê-se obrigada a estabelecer com o mesmo empreiteiro, o qual terá deixado de contar com a supervisão de mestre Maeda na resolução de problemas tecnico-construtivos, logo a partir do ano seguinte. De facto, passados quatro anos sobre um segundo contrato, datado de 1581, a capela ainda não estava pronta e corria o risco de cair durante o Inverno. Para obviar a essa calamidade, o provedor Lic. António Frias «pelo muito desejo que tinha de acabar o remate da capela» aceita as condições impostas por André Martins⁴¹.

Concluída a capela pode ter havido um compasso de espera no prosseguimento das obras, ou pelo menos a documentação é omissa para o período que medeia entre 1585, data do último contrato com André Martins, e 1595, quando a Mesa estabelece o primeiro contrato com Manuel Tavares, igualmente descrito como «mestre das obras de arquitectura»⁴². Nessa data torna-se claro, porém, que as obras com este mestre contratadas já haviam tido início e demoraram-se, aliás, mais de dois anos fora da empreitada. Tratava-se da construção da abóbada da igreja, uma obra vital para o conjunto do edifício. Se outra fonte não existisse para nos dar conta do andamento das obras, restava-nos o testemunho de Frutuoso, escrito nos finais dos anos 80 (no máximo até 1590), assistindo à progressão dessa «sumptuosa e custosa igreja da advocação do Sprito Santo» que «agora se vai edificando»⁴³.

⁴⁰ A intervenção de Rui Gonçalves da Câmara no plano da capela-mor da Misericórdia, referida por Gaspar Frutuoso, foi entendida por Luís Bernardo Leite Ataíde como o projecto de ampliação de uma construção já existente, supostamente iniciada em 1569 conforme a informação dispensada por Chaves e Mello. ATAÍDE (1974): 249. Na verdade o preceito de construir a capela-mor antes do corpo da igreja e os dados existentes no Arquivo da Misericórdia só admitem que a construção se tenha iniciado pouco antes de 1577.

⁴¹ Livro da Receita e Despeza da Misericórdia de Ponta Delgada, 1585. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 24

⁴² Livro da Receita e Despeza da Misericórdia de Ponta Delgada, 1599. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 110

⁴³ FRUTUOSO, 1998:176

Os últimos anos da década de 90 até 1601 são anos de intensa actividade construtiva. Dirigem os destinos da casa homens ricos e poderosos, como é o caso de Gaspar Dias (entre 1598-99)⁴⁴, um dos que mais contribuiu com as seus generosos donativos para a instituição, adquirindo por isso direito a sepultura de honra na capela-mor da Misericórdia, e o conde de vila Franca, D. Manuel da Câmara (1600-1), cuja posição e poder na sociedade insular dispensa outras apresentações. Sucedem-se por isso os contratos com mestre Manuel Tavares – «mestre das obras de arquitectura» como vimos – para o conserto da abóbada mas também lhe foram pagas as acordadas quantias por lavrar as pias e o portal da igreja e por construir os dois botaréus no alçado poente do edifício; com Francisco Teixeira⁴⁵, imaginário, estabelece-se o feitio e as condições para a execução e data de entrega do retábulo do altar-mor da casa, feito de madeira de cedro e de bordo; com João Roiz, pedreiro, a execução do púlpito, integralmente lavrado em pedra; finalmente, com os carpinteiros da obra o feitio das portas. Dos pagamentos efectuados pela tesouraria nesses anos constam ainda os trabalhos de lajear a igreja e o coro, da limpeza do casco da abóbada e da canalização para escoamento de águas pluviais sobre a referida abóbada⁴⁶.

A partir de 1603 uma nova fase tem lugar, marcada pelo abrandamento no ritmo das obras. O crónico problema da abóbada continuava por

⁴⁴ Figura bem conhecida da sociedade quinhentista micaelense, Gaspar Dias (c.1563-1623), filho de Manuel Dias, de Guimarães, e de Margarida Fernandes, natural de Sevilha, foi um mercador de grande fortuna que descreve uma rápida ascensão social graças à aliança matrimonial com Ana de Medeiros Araújo, filha de Miguel Lopes de Araújo e de Catarina Luís da Costa, das principais famílias da ilha e ao exercício de vários cargos da governação, entre os quais o de Escrivão da Santa Casa da Misericórdia e depois, entre 1598-9, o de Provedor da mesma Instituição. Com a reputação manchada pela acusação de cristão-novo numa lista publicada em 1606 ele e os seus descendentes desdobram-se em diligências para serem ilibados dessa acusação, tendo inclusivamente um seu neto, Agostinho Borges de Sousa, alcançado o posto de familiar do Santo Ofício, depois de um Alvará régio (1640) confirmando a limpeza de sangue.

⁴⁵ Este Francisco Teixeira tem actividade conhecida como entalhador e imaginário pelo menos desde 1555, altura em que se pensa ter executado o primitivo retábulo da matriz de Ponta Delgada, e o início do século seguinte, tendo falecido em 1626. Foi continuado por um *Francisco Teixeira, o moço* que se presume ser seu filho. No Arquivo da Misericórdia encontram-se referências a este segundo Francisco Teixeira até, pelo menos, 1645. ATAIDE (1974): 26-7.

⁴⁶ Os sucessivos contratos para execução de tarefas precisas ficaram registados nos Livros de Receitas e Despesas da Misericórdia de vários anos, desde 1599 a 1605. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 110-114v maxime.

resolver pois chovia abundantemente no interior, a ponto de não se poderem realizar os ofícios divinos. O compromisso do bispo de Angra D. Pedro de Castilho em trazer daquela cidade mestre Luiz Mendes⁴⁷, mestre das obras da Terceira, a fim de inspeccionar a abóbada da igreja, esgotadas que estavam as esperanças de resolução do problema pelos mestres locais, parece, afinal, não ter chegado a cumprir-se.

Nesse mesmo ano, o próprio bispo de Angra, no cargo de provedor da Santa Casa de Ponta Delgada, cidade onde se havia refugiado por desentendimentos com o governador do castelo de Angra, Ciprião de Figueiredo, firma contrato com Roque Gonçalves Barriga para o concerto da abóbada. No ano seguinte, o mesmo Roque Barriga é encarregue de refazer o sobreamo da porta principal «de maneira que fique seguro de nunca arruinar» e «um espelho acima do portal em o vão que tem de frontespicio do arco até á cimalha de forma que fique em boa proporção e do feitio que tem os espelhos do coro de São Sebastião para o ponente, da mesma traça e melhor»⁴⁸. Há ainda o arranjo feito no coro da igreja conforme a traça que mostrou aos conselheiros de que devem ser descontados, dos 70 mil reis acordados, a pedraria que caiu⁴⁹. Tentarei uma leitura destes dados mais adiante.

A partir de 1606 cessam os contratos com mestres de arquitectura e as encomendas referem-se apenas a pequenos arranjos, melhoramentos e trabalhos decorativos, sendo por isso legítimo concluir que a igreja se encontrava finalizada.

2. Reconstituição do edifício Implantação, organização e planta

Definidos que ficarão os limites da primitiva instalação é preciso agora contar com a expansão dos novos edifícios, construídos sobre casas e prédios adquiridos por compra ou doação, fazendo com que a nova

⁴⁷ Referido na documentação da Misericórdia como Luís Vaz e depois com o nome correcto de Luís Mendes, este mestre de obras reais da ilha Terceira substitui no cargo Luís Gonçalves Cotta, com carta de nomeação datada de 27 de Fevereiro de 1608, e exerce essas funções até 1633. Em 1603, porém, já é apontado pelo bispo de Angra como «mestre das obras da Terceira». Sobre Luiz Mendes ver VITERBO (1904): 166.

⁴⁸ Livro da Receita e Despesa da Misericórdia de Ponta Delgada, 1604. AP, RODRIGUES, Extractos ...»: 113

⁴⁹ IDEM: 114

Misericórdia ocupasse mais de metade de toda a frente de rua voltada para o largo norte da matriz. No acto de sagração do adro, em 1605, o perímetro da igreja media-se «desde o canto da capela do nascente da rua de Manuel gomes [supomos tratar-se da travessa que está integrada no logradouro poente da igreja, como a seguir veremos] até aos degraus da porta da igreja, e daí até à porta donde esteve a capela velha.»⁵⁰

Temos portanto a igreja voltando a fachada de frente para a praça com o seu adro e «terreiro dela». Se a capela velha, ou seja a capela de São João Baptista estava, como penso, a nascente do corpo da igreja, o lado poente é também percorrido por um longo adro que rodeia o edifício subindo até à posição da capela-mor, como se infere do acto de sagração.

Ao longo da fachada poente existia um logradouro «que servia de travessa», ocupando o interior do quarteirão. A ele se refere, ao que julgo, uma postura da Câmara de Ponta Delgada, datada de 1613, mandando fechar o adro «pelo verem em monturo e ocasionando a muitas offensas de Deus, e estar indecentemente tratado». Ordena que sendo adro se tapasse e servisse de cemitério aos defuntos pobres da casa»⁵¹. A ordem foi cumprida e o logradouro deixou de ter serventia pública.

Os restantes lados norte e nascente estariam articulados com os edifícios do hospital, pátios e mais pertences (enfermarias, cozinhas, botica, granéis, galinheiro, atafona, etc.). Em volta do pátio principal distribuía-se o consistório com seu oratório privado, a tesouraria e o quarto do porteiro.

Tentando agora uma aproximação à planta da igreja parece-me seguro poder afirmar que se tratava de uma planta rectangular, de nave única com altares pouco profundos, dois de cada lado do corpo da igreja e capela-mor de secção recta, muito profunda; existiria ainda na base do rectângulo, junto ao ângulo sudeste, a capela de São João Baptista. Presumivelmente o volume da sacristia situava-se desse lado nascente em posição perpendicular, fechando a norte o supra mencionado pátio da sacristia⁵². Quanto à torre sineira, sendo certo que existia na primitiva igreja, nada nos garante que tenha sido mantida, mas

⁵⁰ Livro de Lembranças, 1604. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 50

⁵¹ Livro de Notas da Santa Casa: 259. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»:102v

⁵² Esta organização e planta parecem-nos muito semelhantes à que apresenta a igreja conventual de São Boaventura das Flores (construída entre 1644 e 1661), pese embora as diferenças morfológicas na composição da fachada e dos interiores.

também não encontrei na documentação consultada referências à construção de uma nova. Por outro lado, se acreditarmos na anónima imagem setecentista da cidade, a igreja da misericórdia teria a sua torre campanário⁵³.

Composição dos alçados

Pouco se conhece sobre a fisionomia dos alçados da igreja que, como vimos, seriam livres a poente e a sul. Uma coisa, porém, parece certa: tinha apenas um portal principal e não os três ditados pela renovação fachadista de Vignola e Jacome della Porta consagradas, poucos anos antes, nas normas para a construção de igrejas de São Carlo Borromeo (1557)⁵⁴.

Estaria a nova imagem da Misericórdia de Ponta Delgada um passo atrás em face das inovações que se vinham verificando no tema da fachada? Não parece provável que a fachada da nova igreja correspondesse a uma concepção autónoma ou obedecesse a uma composição muito inovadora, acompanhando aliás a dificuldade sentida na generalidade das igrejas portuguesas em libertar-se da dependência dos organismos interiores⁵⁵, antes que São Vicente de Fora viesse, definitivamente, operar a revolução neste domínio.

Pelas indicações que recebe da Mesa, em 1604, Roque Gonçalves Barriga, «mestre de obras de architectura», percebe-se que toda a frontaria foi alvo de renovação, tanto ao nível do desenho do portal principal como na alteração da distribuição dos vãos, confirmada pela incumbência

⁵³ O desenho aguarelado de autoria desconhecida executado no final do século XVIII mostra, de facto, no centro da cidade de Ponta Delgada, a torre campanário da igreja da Misericórdia, embora toda a representação seja bastante convencional e merecedora de pouca confiança. Veja-se a fig. 1 reproduzindo um pormenor da vista da cidade com a igreja da Misericórdia identificada atrás da Matriz de São Sebastião..

⁵⁴ As Instruções de São Carlos Borromeo acerca da construção das igrejas, saídas do Concílio de Trento (1545-1563), propunham uma série de preceitos, como o regresso à planta de cruz latina, a inclusão de três vãos na fachada, a implantação do templo em plano elevado com adro fronteiro, a ausência de estatuária no exterior, excepto a do santo padroeiro, etc. Estes preceitos que em Portugal assumem plena consciência na igreja de São Vicente de Fora (1590-1627), só serão aplicados localmente a partir do 1º quartel do século XVII.

⁵⁵ Sobre esta questão ver as páginas consagradas por José Eduardo Horta Correia à arquitectura religiosa do Algarve em igual período. CORREIA (1986b): 197-202.

de fazer um reboco de duas mãos de cal em toda a fachada «e assim tapar as jenellas que ora tem, de pedra e cal»⁵⁶.

Quanto ao perfil do portal principal a sua leitura é mais complexa. No mesmo contrato estabelece-se que deverá refazer o sobrearco (ou seja o voamento superior) da porta principal o que parece indicar um portal de verga recta. Mas acrescenta-se de seguida, que faça «um espelho acima do portal em o vão que tem de frontespicio do arco até á cimalha de fora». O que parece indicar a existência de um amplo espelho lavrado acima do portal, que subiria até à cimalha superior, e onde presumivelmente se abriria um vão, talvez em forma de óculo. O texto do contrato determina ainda que tudo «fique em boa proporção e do feitio que tem os espelhos do coro de São Sebastião para o ponente, da mesma traça e melhor», aspecto que é interessante não tanto pela indicação do modelo, que desapareceu, como pela simples apresentação do modelo, revelando o processo de emulação usado na edificação de novos templos. Para finalizar refere-se a obra da cimalha tendo-se o cuidado de exigir que tenha «respondencia às mais semalhas», tudo isto terminando num «remate que tenha tanta perfeição que mais realce a mais obra»⁵⁷. Sem podermos adivinhar que tipo de remate seria este parece retirar-se desta descrição que a fachada sul da Misericórdia, a sua fachada de recepção, apresentava-se na expressiva nudez quinhentista com amplas superfícies nuas interrompidas apenas por um portal sobrepujado por um óculo ou outro tipo de vão integrado no espelho e certamente terminando em frontão triangular rematado por uma cimalha⁵⁸.

A continuação do alçado sul da Misericórdia para nascente e poente pode ser razoavelmente reconstituído graças aos apontamentos deixados pelo Marquês Jácome Correia a propósito da transferência do hospital velho para os edifícios do ex-convento de São Francisco⁵⁹. Aí refere

⁵⁶ Livro da Receita e Despeza da Misericórdia de Ponta Delgada, 1604. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 113

⁵⁷ IBIDEM.

⁵⁸ Sabemos que a fachada recebeu algumas alterações ao longo do tempo, nomeadamente a inclusão na frontaria, sobrepujando o portal da entrada, de uma imagem da Senhora da Conceição com a data de 4 de Abril de 1724 inscrita na base. BPARPD, Variedades Açorianas, III: 32

⁵⁹ Num caderno de notas onde inclui também recortes da imprensa periódica, o Marquês de Jácome reuniu a informação disponível relativa ao processo de desanexação da Santa Casa da Misericórdia da sua antiga sede, na matriz da cidade, bem como da sua instalação e obras efectuadas no antigo convento de São Francisco, situado na praça homónima. AP, Historia – St. Casa.

algo que já suspeitava: na sequência da capela de São João Baptista abria-se um arco que dava acesso à praceta do Aljube (também chamada na documentação por *pátio da sacristia*) e por cima deste um corredor elevado vencendo o espaço da referida praceta que, à maneira medieval, estabelecia a ligação com os edifícios do outro lado da praceta.

Quanto ao alçado poente deitava, como ficou dito atrás, para um logradouro que de início estaria aberto para a praça da matriz e depois se fechou por ordem da Câmara. Uma longa fachada cega percorria este alçado rematado nos ângulos por dois fortes botaréis e arcobotantes: «serão os ditos botareos cada um de 13 palmos de comprido e 9 de largo, os quais cada um deles será de cantaria lavrada e toda engualguada (sic) e de pedras de 5,6,7,8 e 9 palmos, e o arco do dito botareo será d'ambas as faces lavrados e com seu ressalto»⁶⁰

Morfologia do espaço interior

Procuramos por um exercício de imaginação entrar no interior da igreja e perceber a sua espacialidade ampla, fracamente iluminada e coberta por vasta abobada. Que aspecto teria os seus altares lavrados, as imagens, o púlpito, a vasta abobada de que não conhecemos exactamente o perfil?

Começamos pela capela-mor. Bastante profunda, seguramente, como provam as indicações precisas do lugar da sepultura concedido a Gaspar Dias, no ano de 1590, a qual sepultura devia ocupar «seis pedras dos degraus para baixo até o arco do cruzeiro»⁶¹. Sobre esse arco do cruzeiro é natural que se abrissem um ou dois óculos para iluminação do interior do templo, como parece sugerir a alusão ao «lavramento dos dois espelhos que lavrados estão», contida no segundo contrato com André Martins, de 1581, para a construção da capela-mor. Quanto ao tecto, o mesmo contrato diz-nos que «...o casco da dita capela será de rompante, cruzeiro artezonado e os quarteirões serão feitos de guarnição, estacada com sua cimalha por fora, de maneira que a dita capela ficará muito bem acabada, sem falta nem tacha»⁶². Se bem interpreto esta descrição o tecto

⁶⁰ Livro da Receita e Despeza da Misericórdia de Ponta Delgada, 1600. AP, RODRIGUES, «Extractos ...» 112

⁶¹ IDEM: 111v

⁶² Livro Antigo dos Contratos da Casa, 1581. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 41.

da capela-mor teria cobertura de madeira, em caixotão, com tratamento decorativo próximo do modelo mudéjar dos tectos de alfarje – aspecto que surge como uma nota conservadora, senão mesmo arcaizante tendo em vista que as capelas das igrejas paroquiais construídas até à data usavam de abóbadas na cobertura e teriam deixado cair em desuso os alfarjes quatrocentistas.

Resta-me ainda referir o retábulo principal sobre o qual, felizmente, conhecem-se algumas especificações uma vez que Francisco Teixeira «imaginário» leva à mesa da Santa Casa o desenho que havia feito para o retábulo, submetendo-o à aprovação da direcção. Pelo texto do contrato assinado em 1559 ficamos a saber que era de madeira de cedro e de bordo e que tinha colunas coríntias enquadradas por pilastras, provavelmente rematadas por capitéis do mesmo modelo. Temos pois um retábulo usando da linguagem clássica, não sabemos se de modelo renascentista canónico ou mais maneirista⁶³.

Ao longo do corpo da igreja, dos dois lados, junto à capela-mor existiam outros dois pares de altares metidos em nichos pouco profundos. Do lado da epistola o altar de Nossa Senhora da Graça (a confraria de Nossa Senhora da Graça recebe autorização para instalar a imagem de vulto da Virgem, que até então ocupara o altar-mor, no «*archete* que está do lado direito do corpo da igreja junto a capela-mor», encarregando-se da obra de talha para o dito altar) e da Ressurreição onde se armará o sepulcro do Senhor morto; do lado do Evangelho o altar do Santo Crucifixo *vis-a-vis* com o da Ressurreição e o de São Martinho, em frente do «nicho de N. Sra da Graça»⁶⁴. Em 1637 o bispo de Angra concede autorização para celebrar missa nos altares da Ressurreição e de São Martinho. Havia ainda na base do templo, junto à entrada, do lado direito, a velha capela de São João Baptista a que se refere Gaspar Frutuoso nos seguintes termos: «uma capela (...) com sua aboboda e corucheo, todo de enxadrez até cima, com suas ameias de frol de lis, pelo meio e por baixo, e por dentro toda de azulejos lavrados»⁶⁵. A descrição permite-nos vislumbrar uma capela de perfil ainda claramente manuelino, de abóbada presumivelmente estrelada, com a torre do campanário rematada por um coruchéu piramidal com decoração de enxa-

⁶³ Livro Antigo dos Contratos da Casa, 1599. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»;110v-111.

⁶⁴ Livro da Receita e Despesa da Misericórdia de Ponta Delgada, 1599. AP, RODRIGUES, «Extractos ...»: 110v

⁶⁵ FRUTUOSO: 374

quetados e uma platibanda recortada em flor-de-lis no bordo superior da torre.

No interior da igreja existiu ainda um singular púlpito em cantaria lavrada que surpreendentemente sobreviveu à destruição e que por isso, também, se torna uma valiosa peça. Trata-se tão somente do único púlpito que conheço integralmente esculpido em pedra, nas igrejas açorianas e a sua proveniência da antiga igreja da Misericórdia não parece deixar dúvidas depois do documento que encontrei dando a execução dessa peça a João Roiz, pedreiro, no ano de 1600. Além disso, o pormenor figurativo da pomba do Espírito Santo talhada no guarda voz, bem como o trabalho geométrico de entrelaçados e enxaquetados que ostenta na guarda da varanda e espaldar são absolutamente consentâneos com a data indicada na documentação.

3. Conclusão

A ideia de construir um templo novo dedicado ao Espírito Santo surgiu, segundo o testemunho de Fr. Agostinho de Montalvene, durante o tempo em que foi provedor Barão Jácome, no ano de 1569. O plano traçado para a nova igreja deve-se a Pedro de Maeda mas recebe alterações por parte do capitão Rui Gonçalves da Câmara, quando este dirigiu os destinos da Santa Casa no biénio de 1577-8. A execução da obra foi depois entregue a diversos «mestres de architectura», empreiteiros que tomaram a seu cargo partes da construção, repetindo muitas vezes os contratos, por não terem sido cumpridos os prazos previstos ou por não terem ficado solucionados problemas técnicos, situações em que a obra da Misericórdia foi fértil.

Pese embora os avanços e recuos na definição do programa arquitectónico, hesitações de sentido estético e dificuldades técnicas – ou talvez até em atenção a tudo isso –, devemos olhar para a obra da Misericórdia nova como um exercício de carácter experimental que não segue um modelo consagrado mas ensaia uma nova tipologia, denotando a evolução dos padrões do gosto aplicado a uma arquitectura de cariz militar, austera e despojada de ornamentos. Absolutamente pioneira na adopção de uma planta conforme à de igreja salão – que se distingue das do ciclo manuelino pela existência de fachada axial, capela única na cabeceira e altares pouco profundos no corpo do templo –, a igreja da misericórdia de Ponta Delgada constitui um exemplo que considero precursor da arquitectura chã no espaço insular, a par com a sua contemporânea Sé de

Angra. Mas ao contrário desta última, não adopta o partido das três naves e cobertura de madeira. Deve, por isso, ser vista como modelo alternativo servindo de protótipo a outros templos construídos na esfera local, como é o caso da igreja de Todos os Santos dos Jesuítas de Ponta Delgada a qual, volvido meio século, segue este dispositivo sem alterações significativas, salvo no que concerne à zona da capela-mor⁶⁶.

O desconhecimento sobre a obra e o percurso de Pêro de Maeda, mais que provável autor da igreja da Misericórdia, compromete a avaliação segura acerca das suas opções estéticas e soluções técnicas mas não deixa de colocar, como pano de fundo da arquitectura do período sebástico, as fortes contaminações existentes com a arquitectura militar e o seu modo de construir pratico, eficaz e pouco dispendioso. A substituição das imponentes frontarias de pedra aparelhada e cantarias ricamente lavradas por fachadas lisas, cobertas de cal e portais simples de verga recta, é disso fiel exemplo. Também uma certa desafecção relativamente a figurinos de reconhecida filiação erudita, sejam eles classicistas ou do maneirismo flamengo, aqui patente na reposição dos antigos tectos de alfarje ou na alusão a soluções compositivas da matriz de São Sebastião, revelam um aspecto importante do carácter empírico e vernacular da arquitectura chã.

A dificuldade em proceder a uma criteriosa avaliação de conjunto, dada a carência de estudos monográficos sobre a arquitectura religiosa açoriana e a ausência de uma cronologia exacta para as diversas edificações, não retira a convicção de que a Misericórdia de Ponta Delgada terá sido o primeiro templo totalmente abobadado construído nos Açores⁶⁷ – aspecto da maior relevância e singularidade que não integra, por exemplo, o programa arquitectónico da Sé de Angra, e só virá a generalizar-se com as campanhas seiscentistas das igrejas jesuítas.

⁶⁶ Atente-se na diferença de dispositivo que é seguida entre as igrejas jesuítas de Ponta Delgada e Angra, esta última de programa mais elaborado e mais próximo do modelo de São Roque, mas que só será executada entre 1638 e 1651. Sobre a construção da igreja do Colégio da Ascensão, de Angra, veja-se SOUSA (2002):157.

⁶⁷ Uma tradição lendária acerca da abóbada da Misericórdia contava o episódio da fuga do mestre de arquitectura que tinha «d'ímprovizo embarcado clandestinamente» no momento da retirada dos cavaletes da cofragem, ainda recordada em meados do século XIX, mostra bem o carácter experimental e arriscado que essa obra representou no tempo da sua construção. A solidez e perfeição da abóbada era ainda reconhecida e admirada no século XIX a tal ponto «que ainda hoje se tem como couza árdua e perigosa o derrubal-a». BPARPD, Variedades Açorianas, III: 30.



Fig. 1 - Púlpito da antiga igreja da Misericórdia, hoje numa capela particular.

Bibliografia

- AFONSO, Carlos Falcão Afonso (2006) – *Ponta Delgada, Vandalismo ou Desenvolvimento?* Ponta Delgada: Câmara Municipal de Ponta Delgada.
- ATAIDE, Luís Bernardo Leite (1974) – *Etnografia, Arte e Vida Antiga nos Açores*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade. 4 vols.
- CÂMARA, Teresa Bettencourt da (1991) – «A Igreja da Misericórdia de Angra do Heroísmo (1728-1746)». in Actas do I Congresso Internacional do Barroco, Porto: Universidade do Porto:213-227.
- CÂMARA, (1975-1979), «Apontamentos para a História da Santa Casa da Cidade da Horta», *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, VI:185-228.
- CARITA, Rui (1989) – «O Atlântico: Ilhas e costa Africana». In: *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa:188-206.
- CARITA, Rui (1999) – «Ponta Delgada e os Problemas de Defesa nos séculos XVI e XVII: os militares e os jesuítas». in Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos da Cidade de Ponta Delgada. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 67-88

- CORREIA, José Eduardo Horta (1986 a) – «A Arquitectura – maneirismo e “estilo chão” In Vítor Serrão (dir.), *Historia da Arte em Portugal. O maneirismo*, Lisboa: Publicações Alfa, VII: 93-135.
- CORREIA, José Eduardo Horta (1986 b) – «A Arquitectura algarvia do século XVI ao século XIX – Tentativa de caracterização», in Actas do 4º Congresso do Algarve, Montechoro, Racal Clube, I:197-202.
- CORREIA, José Eduardo Horta (1991) – *Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo-Chão*. Lisboa: Editorial Presença.
- DIAS, Pedro (1999) – *Historia da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822) – O Espaço Atlântico*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- LARANJEIRA, Mateus Eduardo da Rocha (2008) – *São Salvador de Angra – uma catedral sebástica*. Angra do Heroísmo: IAC.
- MOREIRA, Rafael (1995) – «Arquitectura: Renascimento e Classicismo». In Pereira, Paulo (dir.), *Historia da Arte Portuguesa*, vol. II, Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 303-375.
- SERRÃO, Vítor Serrão (2001) – *A Cripto-Historia de Arte: análise de obras de arte inexistentes*, Lisboa: Livros Horizonte.
- RODRIGUES, Henrique Aguiar Oliveira (1998) – *A Assistência e a Misericórdia de Ponta Delgada*, Separata da revista *Insulana*, Ponta Delgada, LIV:303-382.
- RODRIGUES, Henrique Aguiar Oliveira (2003) – *O Hospital da Misericórdia de Ponta Delgada*, Separata da revista *Insulana*, Ponta Delgada, LIX: 101-176.
- RODRIGUES, Rodrigo (2008) – *Genealogias de São Miguel e Santa Maria*, Lisboa: Dislivro Histórica.
- SA, Maria Ealo de (1955) – *El Ingeniero Pedro de Maeda*, Cantábria: Ayuntamiento de Meruelo.
- SOUSA, Nestor de (2002) – Programas de Arquitectura Militar Quinhentista em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo. Italianos, Italianização e Intervenções até ao século XVIII: a ermida de S. João Baptista na fortaleza do Monte Brasil», *Arquipélago-História*, VI: 53-224.

Fontes Manuscritas

- Arquivo Privado, Rodrigo Rodrigues «Extractos dos Livros da Misericórdia de Ponta Delgada» (caderno manuscrito in 4º com transcrições de documentos do Arquivo da Misericórdia).
- Arquivo Privado, Marquez de Jácome Correia, «Historia – St. Casa» (colectânea de artigos publicados na imprensa periódica e notas manuscritas acerca do processo de desanexação da antiga sede da Santa Casa da Misericórdia).

Biblioteca Publica e Arquivo Regional de Ponta Delgada, José de Torres, «Misericórdia velha de Ponta Delgada». Variedades Açorianas (série manuscrita) Tomo III: 27-31.

Biblioteca Publica e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Pedro Borges do Canto e Medeiros, «Breve Noticia das Ilhas» [1716]. Variedades Açorianas (série manuscrita), Tomo I:172-183

Fontes Impressas

Arquivo dos Açores, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, 1ª série, IX:160-182.

Gaspar FRUTUOSO, *Saudades da Terra*, Livro IV, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

Francisco Afonso de Chaves e MELO [1723] - «Descrição da Ilha de S. Miguel», in *Arquivo dos Açores*, vol.1 Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1980, 1ª série, I:199-226.

Frei Agostinho de MONTALVERNE, *Crónicas da Província de São João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 3 vols. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1960-2.

Sousa VITERBO (1904) – *Dicionário Histórico e Documental de Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, Lisboa, II.